

Neofascismos e movimentos sociais no Brasil e nos Estados Unidos: aproximações e distanciamentos por meio do *hate rock* (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA *

Resumo: Este artigo tem como objetivo debater o conceito histórico de movimentos sociais, tentando entender os motivos que impedem os movimentos neofascistas no Brasil e nos Estados Unidos, entre 1990 e 2010, de serem assim classificados. Tal análise, realizada por meio do *Hate Rock*, gênero musical executado por neofascistas, procura entender também a formação histórica dos neofascismos nos dois países, respeitando suas diferenças e semelhanças, e a adaptação ao presente de discursos que surgiram no início do século XX. Portanto, ao mesmo tempo, vamos buscar uma síntese que mostre rupturas e continuidades com o passado entre os dois casos, bem como a sua participação social e política à luz das definições do que são os movimentos sociais.

Palavras-chave: Neofascismos; *Hate Rock*; movimentos sociais.

Neofascisms and social movements in Brazil and in the United States: similarities and differences through hate rock (1990-2010)

Abstract: This paper aims to propose a debate on the concept of social movements and the similarities and differences between these and the neo-fascist movements in Brazil and the United States between 1990 and 2010, trying to understand their potential inadequacy for this concept. This analysis, carried out through *Hate Rock*, genre executed by neo-fascists, aims, amid this debate, understand the historical formation of neo-fascism in both countries and the adaptation, in the recent past, of speeches that emerged at the beginning of the twentieth century. Therefore, while we will seek a synthesis that shows peculiarities and similarities between the two cases, we will try to form a historical profile of young neo-fascist movements today, as well as their social and political participation in light of the definitions of what are the social movements.

Key words: Neo-fascisms; *Hate Rock*; social movements.



* PEDRO CARVALHO OLIVEIRA é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, orientado pelo Prof. Dr. Sidnei J. Munhoz.



Introdução

Desde meados dos anos 1980, Brasil e Estados Unidos tiveram movimentos *skinheads* que, embasados nas ideologias políticas dos fascismos clássicos, pensaram suas sociedades buscando transformações que lhes favorecessem. Foi então necessário repensar essas ideologias e adaptá-las ao presente, modelando-as para que se ajustassem às novas conjunturas num processo histórico que definiu novas características. Essas modificações promovidas por ações humanas resultaram na existência de continuidades e rupturas com o passado fascista. Com seus novos meios de ação, neofascismos são uma realidade nos dois países.

Crimes de ódio praticados por *skinheads* neofascistas contra grupos sociais específicos aparecem nos dois países. Em 1993, um *skinhead* foi detido por matar um nordestino morador de rua em São Paulo. Sua justificativa foi a necessidade de “limpar” a cidade (QUARESMA, 1993). O ódio aos imigrantes, aos inimigos externos da comunidade, é difundido por movimentos neofascistas.

Nos EUA, um ano antes, um morador de rua negro foi assassinado por membros da organização *skinhead Aryan National Front* (“Frente Ariana Nacional”) pelos mesmos motivos (POTOK, 2012).

Para os fascismos clássicos, a defesa da nação ou da comunidade era não só uma necessidade, mas a base histórica de suas ideologias políticas. O chauvinismo e a xenofobia eram usados para unir o povo a favor da nação e contra tudo que representasse uma ameaça a ela, ao menos de acordo com o pensamento fascista. A ideia da grandeza nacional tinha como consequência o estabelecimento de uma identidade que a mantivesse também unida (MARIÁTEGUI, 2010). O racismo nazista seguia num mesmo sentido, como segue ainda hoje por ser “um elemento mobilizador de massas capaz de garantir a adesão popular”, além de legitimador da violência “contra um ‘inimigo interno’ pré-determinado” (PAXTON, 2007, p. 72). Se pensarmos que os fascismos clássicos agiam com violência semelhante, não será difícil encontrarmos a permanência desse

elemento nos movimentos situados em um passado recente.

Na tentativa de justificar tais crimes, os movimentos neofascistas difundiram discursos de vitimização que os colocaram como reprimidos por sistemas políticos dominados pelas forças que os repudiam. Seus posicionamentos foram forçosamente disseminados como sendo de combate e resistência a governos e culturas, entre outras coisas, supostamente permeados por líderes dos grupos que eles contestaram e apontaram como seus carrascos.

Essa difusão foi feita por múltiplos meios. Um deles é o *Hate Rock*, gênero musical forjado por *skinheads* neofascistas para atingir seus pares, mas que também possui um forte apelo a indivíduos que se identifiquem com as ideias defendidas por eles, que vão desde o nacionalismo ao racismo, e estão fora de seus círculos. Trata-se de um gênero cujas músicas buscam tanger os ouvintes, dando-lhes rumos para atuarem em nome do que defendem e traçarem hipotéticas lutas sociais para alcançar um perfil político desejado.

O *Hate Rock* surgiu na Inglaterra do final dos anos 1970, período integrante do que Eric Hobsbawm (1995) chamou de “Décadas de Crise” do capitalismo, quando os Estados nacionais se viram fortemente abalados por graves problemas econômicos – boa parte deles provenientes das duas Crises Mundiais do Petróleo – e pelo desemprego estrutural. Nesse momento, organizações políticas de extrema-direita vislumbraram a possibilidade de conquistar números eleitorais por meio de agendas pautadas nos ressentimentos dos cidadãos, sobretudo no que tangia a suposta inaptidão dos liberais em cuidar do país e ainda permitir a presença de estrangeiros, num contexto de

desemprego agudo. Junto a isso, essas organizações, como o *National Front* e o *British National Party*, apontaram o nacionalismo excludente e etnocêntrico como possível solução (COPSEY, 2004). O *Hate Rock* foi forjado por jovens *skinheads* que militavam entre essas organizações.

Seu potencial político reside na capacidade de concentrar visões e propostas de sociedade, angariando contingentes a serem usados como elementos de pressão para o atendimento de suas idealizações, que frequentemente se relacionam à nação que, de acordo com as ideias fascistas, seria a mais adequada. Embora tal complexidade possa não ser muito evidente, dada a pouca expressividade dessas bandas e de movimentos políticos neofascistas, os crimes de ódio, a exemplo dos que apontamos anteriormente, são parte dessas pressões. As músicas não podem ser responsabilizadas pelos crimes, mas elas os legitimam uma vez que são executados em nome de causas políticas às quais as músicas fazem apologia.

O *Hate Rock* é, entre outras coisas, um dos meios pelos quais os neofascistas brasileiros e estadunidenses, a exemplo de outros, usam para criar uma veste semelhante à de um movimento social. É possível categorizá-los como movimentos sociais? O presente trabalho se utilizará de visões a respeito de movimentos políticos civis e as compara às visões de mundo às quais bandas do *Hate Rock* se afiliaram. Para tanto, analisaremos as bandas brasileiras “Brigada NS”, “Defesa Armada”, “Comando Blindado” e “Bandeira de Combate” e, dos EUA, *Angry Aryans*, *Chaos 88*, *Extreme Hatred* e *The Voice*.

Ao mesmo tempo, tentaremos caracterizar os neofascismos atuantes nos dois países, respeitando suas

diferenças e semelhanças, a fim de formarmos uma síntese que seja capaz de gerar compreensão sobre as transformações históricas pelas quais os fascismos clássicos passaram até darem luz às suas versões atualizadas e particularizantes, que hoje buscam espaço como movimentos sociais em contextos que parecem muito distantes.

Movimentos sociais e neofascistas: mais distanciamentos, menos aproximações

Para alguns autores como Alain Touraine (1989), os movimentos sociais historicamente empreendem lutas e pressões coletivas, no âmbito civil, a fim de conquistar junto às instituições o cumprimento de suas demandas e empreender debates a respeito de suas necessidades. Normalmente, as ações vinculadas aos movimentos sociais buscam dar visibilidade a grupos ou segmentos sociais marginalizados dentro de uma comunidade. Trata-se de uma luta civil por visibilidade e que lhes garanta direitos e participação na construção social. Parte dessa construção se concentra na cultura, terreno de disputas e, ao mesmo tempo, objeto de tensões sociais.

Nesse sentido, as chamadas “políticas culturais são postas em ação quando movimentos intervêm em debates políticos, tentam dar novo significado às interpretações culturais dominantes da política, ou desafiam práticas políticas estabelecidas” (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 23). Quem é responsável pelo estabelecimento da cultura hegemônica, aquela que dirige a sociedade e acaba sendo preservada por ela, ainda que não beneficie a todos os seus setores, tem maior poder dentro dela. Buscando espaço, os movimentos sociais que representam as parcelas menos favorecidas nessa lógica política se

utilizam, dentre outras coisas, das suas expressões culturais para desfazerem construções sociais e políticas históricas.

Nos anos 1970, as esquerdas latino-americanas sofreram mudanças em relação à abordagem entre cultura e política, sobretudo inspiradas nas ideias de Antonio Gramsci sobre “hegemonia cultural” e o papel da cultura na sociedade. Nos anos 1990, o Brasil viveu intensos debates sobre a redemocratização e os meios pelos quais ela seria reestabelecida. Com a ascensão de governos neoliberais, tendo como modelo o exemplo estadunidense, o afastamento do Estado em relação a questões sociais importantes fez com que grupos sociais agissem em busca de atenção usando suas identidades e culturas (DAGNINO, 2000).

Os representantes dos neofascistas locais nadaram contra essa corrente. Além de criticarem fortemente a democracia, num diálogo com uma postura proveniente dos fascismos clássicos, empreenderam críticas às culturas de grupos sociais marginalizados que entendiam como ameaças. Os primeiros movimentos neofascistas brasileiros liderados por *skinheads* tiveram origem no subúrbio de São Paulo, no início dos anos 1980, nos quais o nacionalismo extremado característico foi herdado dos *skinheads* britânicos. No final dos anos 1970, partidos políticos ingleses de extrema-direita, como o *British National Party*, já haviam cooptado muitos *skinheads* para servirem de militância entre os jovens. No Brasil, as informações sobre essa subcultura chegavam marcadas por essa fusão (COSTA, 2000).

Nos anos 1990, o *Hate Rock* ganhou mais visibilidade e um considerável número de bandas. A “Brigada NS” foi uma expressiva nesse cenário, no qual

se desenvolveu. Sua música “Judeocracia” nos revela a posição de seus compositores: “Tentando acabar com todo tipo de idealismo/Que liberte os povos do sionismo/A democracia age sempre assim/Se precisa até a merda da ONU lhe garante esse fim” (BRIGADA...,2001). A democracia aparece como algo nocivo, uma imposição desagradável associada aos judeus e, portanto, controlada por forças políticas que recusam os neofascistas. Nesse caso, ao mencionarem o “sionismo”, dialogam com a velha e frágil teoria conspiratória, baseada nos questionáveis “Protocolos dos Sábios de Sião”, uma espécie de compilação dos planos judaicos de dominação mundial que seriam facilitadas, dentre tantas formas, pela democracia liberal (SILVA, 2012).

A “Defesa Armada” é outra banda que manifestou claramente sua opinião a respeito da presença de outras culturas em sua cidade. Em “Inimigos da Pátria” ouvimos: “Tivemos pena daquele povo que sofria/Vocês vieram invadindo o terminal do Tietê/Querendo impor suas maneiras e costumes/Aniquilando nossa segurança social” (DEFESA..., 1995). Na década de 1990, o terminal do Tietê ficou conhecido por receber milhares de nordestinos que chegavam à capital paulista em busca de oportunidades de emprego (DEDECCA; CUNHA, 2004).

Entre as bandas neofascistas do Sul-Sudeste do Brasil, caso de ambas supracitadas, o ódio aos nordestinos foi muito comum. Acusaram-nos de parasitas sociais, cujas culturas seriam incompatíveis com aquelas presentes nas regiões para as quais migram, resultando em violência e degradação dos costumes locais. Nada diferente do antissemitismo dos nazistas alemães durante o Terceiro Reich, cujas bases étnicas resultou na perseguição e no

assassinato sistemático de milhões de judeus (TEIXEIRA DA SILVA, 2014).

Em setembro 1992, o Centro de Tradições Nordestinas de São Paulo, projeto que se reconhece como “refúgio ideal dos migrantes”, bem como “polo de divulgação e preservação da cultura nordestina”¹, sofreu um atentado promovido por *skinheads* neofascistas. Estes dispararam tiros dentro do centro e o picharam com suásticas e dizeres ofensivos aos nordestinos (CASOS..., 2000). O ataque a um centro onde se organizam movimentos sociais em defesa de culturas minoritárias da região sinaliza a contrariedade dos movimentos neofascistas em relação a eles como se vê na música.

Os neofascismos, em consonância com os fascismos de outrora, “necessitam de um inimigo demonizado contra o qual mobilizar seus seguidores” (PAXTON, 2007, p. 72). Não precisa ser único e nem mesmo exatamente os mesmos antigos inimigos dos fascistas do passado, mas são incorporados na alteridade, nos que supostamente, por diferentes critérios, são incompatíveis com os ideais de nação, sociedade, raça ou postura política que defendem os neofascistas. Basta lembrarmos que “os fascistas americanos demonizaram os negros e, algumas vezes, os católicos, além dos judeus. Os fascistas italianos demonizaram seus vizinhos eslavos do sul, especialmente os eslovenos” (PAXTON, 2007, p. 72), e assim por diante.

Se a relação entre passado e presente é fundamental para os neofascismos, nada mais esperado do que os movimentos de cada região estabeleçam um inimigo conveniente. Esses princípios foram

¹ Ver: “Centro de Tradições Nordestinas” – Disponível em <<http://www.ctn.org.br/octn#octn>>. Acesso em 01/06/2016, às 14h45.

institucionalizados pelos fascismos no passado e foram postos em prática no presente e em contextos particulares. Antes disso, durante os anos 1930, o Brasil teve movimentos fascistas ligados à Itália que, em meio ao operariado paulista, buscou se enraizar procurando adeptos entre os imigrantes italianos que haviam deixado o país para trabalhar. A intenção era unir os italianos em torno do fascismo, buscando no anticomunismo as bases de sua propaganda (BERTONHA, 2010).

Os movimentos fascistas no Brasil buscavam fortalecer as identidades étnicas e nacionais como forma de angariar adeptos, fortalecerem-se e ganharem espaço entre os operários do país, o que se tornou pouco efetivo pois a maioria dos italianos fazia parte de uma segunda geração, mais identificada com o Brasil, onde não havia uma xenofobia marcante contra eles (BERTONHA, 2010). Entre os italianos que viviam no Brasil havia também uma variedade considerável de grupos nos quais figuravam marcantes “diferenças de classe, regionais, geracionais e outras que dividiam fortemente tal comunidade e, conseqüentemente, sua visão de fascismo” (BERTONHA, 2012, p. 86).

Entre as bandas brasileiras de *Hate Rock* há também diferenças sobre a concepção de fascismo. Enquanto a maior parte das bandas são provenientes do Sul-Sudeste, onde há uma maior presença de heranças culturais europeias por meio das quais os neofascistas locais buscam legitimar sua afiliação política, a “Bandeira de Combate”, da Bahia, surge como surpresa. Em suas músicas não há a presença do racismo típico de alguns fascismos, com os quais eles não se identificavam, mas que acaba sendo indispensável em alguns movimentos. Sua postura

fascista, no entanto, se apropriou de outros de seus elementos.

Na música “Vida Careca” cantaram: “Vim do subúrbio para agitar/Amar meu país e por ele lutar/No meu peito há uma fúria/A minha arma é bravura/Temos orgulho do nosso estilo de luta/(...) O nosso país nós defenderemos” (BANDEIRA..., 2001). A referência ao subúrbio como lugar de origem dos *skinheads* nos remete aos primeiros *skinheads* ingleses da classe operária. No Brasil, como já mencionamos, os “carecas” surgiram na região do ABC Paulista, tradicional reduto operário suburbano. O amor pelo país e a fúria contra ameaças imaginadas, sem qualquer detalhamento – o que se aproxima da necessidade fascista de ter sempre um inimigo contra o qual pode direcionar seu ódio – motivava sua “luta”, pela qual estavam dispostos a agir sem medo. Nesse aspecto, não há distinção quanto a diferentes tipos nacionais como visto nos dois casos anteriores.

Embora não haja explicitamente a presença de qualquer indício que prove uma postura fascista na música, pois a defesa do país e o orgulho que se tem dele não é uma exclusividade dos fascismos, devemos nos deter a alguns detalhes. É importante, por exemplo, considerarmos o fato de a banda ter lançado o álbum supracitado pelo selo *Ultraviolence Records*, o mesmo responsável pelo lançamento de bandas declaradamente neofascistas. Vale ressaltar também o já conhecido comportamento dos *skinheads* que se prontificam como um exército de jovens conscientes e fortes, dispostos a tudo para salvar o país (COSTA, 2000). Essa postura é comum à grande maioria dos *skinheads* neofascistas, sobretudo os brasileiros. A ideia de um exército civil pronto para salvar o país na ausência de

uma ação estatal em nome disso é essencial nos fascismos clássicos, nos quais estes jovens buscam referência.

O nazismo alemão também permeia o imaginário das bandas. Vejamos o que é dito pela “Comando Blindado”, em “Nutrindo raiva, causando dor”: “Arme-se até os dentes e vá pro front lutar/Jogue fora os sentimentos de compaixão e amor/Uma luta só se vence nutrindo a raiva, causando a dor”. Contra quem tal luta deveria ser empreendida? A própria banda se encarrega de esclarecer mais adiante: “O inimigo está perto, está controlando você /Invade sua mente através do jornal e TV/São os malditos judeus que tem o controle das massas/Que dominam a mídia e promovem tanta desgraça” (COMANDO..., 2006).

Como na Alemanha nazista, a banda vê no judeu um inimigo que deve ser combatido sem compaixão, sem amor, de forma violenta, raivosa e dolorosa. Algo que novamente aproxima presente e passado, ao passo em que, também naquele momento, “não se tratava de destruir uma cultura e uma religião, mas a destruição de uma ‘raça’, de todo um grupo humano, posto que o mal que o judaísmo representava residia no próprio sangue” (TEIXEIRA DA SILVA, 2014, p. 45). A sugestão de ir ao *front* e lutar atesta o tradicional gosto pela guerra existente entre os fascismos. O ódio aos judeus buscou dar-lhes feições de dominadores das massas em benefício de seus propósitos, dos quais indivíduos defensores do nazismo, por motivos claros, não estão inclusos. É, mais uma vez, a tentativa de se colocarem como os oprimidos, não como os opressores. Trata-se de uma busca por um posicionamento semelhante ao que movimentos sociais possuem, utilizando a defesa de sua ideologia ou cultura para tanto.

Nesse caso, podemos perceber uma aproximação entre as ideologias neofascistas brasileiras e seus mecanismos de ajuste aos tempos atuais com as bandas do *Hate Rock* estadunidense. Em ambos os casos, há um costume em comum: a vitimização. Porém, a cultura política dos EUA tenta justificar seus discursos, sobretudo os que exploram o racismo, de formas particulares. O racismo é o tema mais abordado entre as bandas relevantes do *Hate Rock* naquele país, onde os negros são os principais inimigos internos nomeados pelos neofascistas estadunidenses.

A banda *Angry Aryans*, mais famosa no cenário neofascista nacional, explorou esse viés em músicas como *Condemned*: “Purifiquem nossa raça antes que ela morra/Não consigo lidar com a saturação desse esgoto/A mentalidade criminoso se espalhando como uma doença/Homens brancos se comportam como negros” (ANGRY..., 2001). Afirmando que a raça branca está ameaçada, colocaram-se na posição de vulneráveis. Declararam que os negros foram responsáveis por comportamentos criminosos que degradavam a sociedade e interferiam na cultura.

Há nos EUA, com maior força nos estados do Sul, debates acirrados sobre causas raciais que perpassam décadas e mesmo séculos. A presença de organizações racistas como a Ku Klux Klan, que defende abertamente a segregação racial e busca afirmar a supremacia dos brancos por meio do ódio, além de uma forte cultura racista em boa parte dessa região, dá respaldo aos discursos da banda. Eles se utilizaram da vasta compreensão cultural de que a segregação é fundamental para a manutenção de sua

“raça”, tendo em vista um posicionamento vitimista inconcebível.

Diante desse contexto, “a ‘política do ressentimento’, com raízes numa religiosidade e num nativismo autenticamente americanos, ocasionalmente leva à violência contra alguns dos mesmos ‘inimigos internos’ atacados pelos nazistas” (PAXTON, 2007, p. 329). Ao mesmo tempo, agregam novos desses “inimigos internos” a partir da incompatibilidade destes com a nação que almejam. Por exemplo, no caso estadunidense os fundamentos cristãos podem aparecer como elemento constituinte dos neofascismos, que se mostram violentos contra grupos religiosos divergentes, como os próprios judeus.

O discurso da banda *The Voice*, na música *White Warrior*, também, nos chama a atenção: “No campo de batalha jaz outra vítima/Ele lutou para salvar o seu país/Ele morreu para salvar a sua raça/E com sua espada ele assassinou seu inimigo/Ele lutou contra eles até o fim” (VOICE...,1993). A ideia de uma guerra constante e permanente entre as “raças” foi abordada pela grande maioria das bandas estadunidenses pertencentes a esse gênero. Defender a “raça” branca assume um protagonismo exaustivo.

Atentemos para o posicionamento da banda e a postura de “guerreiros” que lutam em nome de uma causa. Aqueles que lutam, normalmente enfrentam um ataque ao que consideram justo e legítimo, como a igualdade ou a ampliação de espaço numa sociedade. No discurso da banda, o que aparece é uma falsa impressão de perda da hegemonia branca frente a outras “raças”. Em sua ânsia por eliminar os que consideram seus inimigos, apelaram para uma cultura política que, em certa

medida, lhes deu ouvidos e terreno para atuar.

Essa atuação por vezes incidiu sobre outros grupos sociais que buscam espaço e igualdade no país, como os que se relacionam afetivamente com pessoas do mesmo gênero. A *Chaos 88* expressou isso por meio da música *Homossexual*. Seu refrão diz: “Homossexual, nós te odiamos!/Homossexual, isso vai durar/Homossexual, caia fora!/Homossexual, desapareça!” (CHAOS...,1998). O ódio aos gays foi declarado de maneira clara, sem disfarce. Estabelecendo tal postura, não é surpresa que a banda fosse contra os movimentos sociais que os defendem, como muitos outros cidadãos comuns nos EUA.

A afirmação de si e contra aqueles que repudiam se converte em discurso de luta, tentando reverter a situação e buscando colocar os *skinheads* neofascistas e seus pares em posição de grupo social em ameaça. É o que podemos ver na música *Extreme Hatred*, da banda estadunidense que leva o mesmo nome: “Skinhead, skinhead, nós iremos comandar/Lutar para viver é nossa única regra/Nós não brincamos, iremos sobreviver/Skinhead, skinhead, nos manteremos vivos” (EXTREME..., 1994). Novamente, uma constante ideia de conflito incessante no qual os *skinheads* representantes dos neofascismos estariam em perigo.

Notemos que as convocatórias normalmente são destinadas aos civis, como os *skinheads* ou “o homem branco”. Isso demonstra que o Estado e as instituições não dispõem de meios para apoiá-los ou estão contra os neofascistas, o que de fato ocorre, pois suas ideias políticas vislumbram a agressão social declarada. O ódio e a violência são indissociáveis dos

neofascismos, bem como de suas músicas, estando assim sob a vigilância do Estado que será criticado pelas bandas por supostamente defender seus “inimigos”, para logo se tornar um deles.

No caso dos EUA nos anos 1990, governado por Bill Clinton, cuja simpatia por “correntes políticas de inspiração social-democrata” era considerável, bem como sua identificação com “movimentos progressistas” (ALMEIDA, 2011, p. 286), ainda que tais aproximações levassem consigo a tradicional cultura política estadunidense, foi um cenário pouco favorável aos intentos neofascistas. Diante de uma política de Estado de menos conservadora e relativamente mais flexível, as propostas violentas das bandas do *Hate Rock* buscam respaldo junto a aqueles que se mostram insatisfeitos com o cenário presente, havendo assim a possibilidade de uma maior penetração.

Os neofascismos no Brasil e nos EUA: Um mesmo fenômeno, diferentes realidades

Na Inglaterra dos anos 1990, o *British National Party*, cuja agenda era fortemente neofascista, lançou uma campanha intitulada *Rights for Whites*. Seu objetivo era defender as comunidades brancas do interior do país, regiões em que alcançavam um maior número de votos e onde o senso de união por meio da noção de “raça branca” e pertencimento nacional eram maiores. Seu discurso sustentava a ideia de que os brancos ingleses eram na realidade os principais afetados pelas tensões raciais e migratórias ocorridas no país, sendo necessário um representante político que pudesse defendê-los. Difundiam uma noção equivocada de que os brancos, a maioria no país, eram os perseguidos e, nesse

sentido, deveriam ser protegidos (COPSEY, 2004).

Aos jovens que acabaram aderindo a movimentos desse tipo, os discursos neofascistas funcionam como catalizador de suas revoltas e frustrações, sendo capazes de norteá-los num sentido que é apresentado como justo e correto ao passo em que inimigos são apontados. Nesse caso, o *Hate Rock* reinterpreta a história para mostrar movimentos sociais legítimos como inimigos da nação. Para movimentos sociais mais comuns, a crítica pode ser ao racismo, à ausência de leis de inclusão, ao descaso em relação a certa identidade, entre outras questões. Nesse sentido, os movimentos neofascistas estão impedidos de serem considerados movimentos sociais?

Para responder a essa questão, devemos atentar para problemas que envolvem a definição científica e as regras que acabam ignorando possíveis flexibilizações do conceito de movimentos sociais. Ana Maria Doimo nos alerta para o fato de que os movimentos sociais de hoje “jamais reproduzirão o padrão clássico do conflito de classes [do passado] porque as contradições agora são de outra ordem e porque os conflitos aí instalados são metapolíticos” (DOIMO, 1995, p. 46), uma vez que se pautam fundamentalmente nos valores e menos em reivindicações passíveis de negociação. O que antes era concebido como movimento social durante um período específico da história pode hoje ser questionado. Essa possibilidade gera indagações.

Doimo afirma ainda, tecendo mais dúvidas em relação à já estabelecida e reforçada definição de movimentos sociais, que após 1970 os movimentos brasileiros assumiram outra postura, atuando em um campo ético-político.

Assim, “a existência de uma sociabilidade comum aflorada pelo senso de pertença a um mesmo espaço compartilhado de relações interpessoais e atributos culturais” (DOIMO, 1995, p. 68), desde códigos de identificação até linguagens próprias, influencia uma movimentação de sujeitos sociais, mesmo que estes estejam situados em meio a ideologias políticas neofascistas. Isso pode ser dito também sobre os EUA?

Até aqui não chegamos a tal conclusão. No entanto, podemos constatar por meio de semelhanças e diferenças como os neofascismos atuaram nos dois países, para termos uma dimensão de suas buscas por se estruturarem como movimentos sociais de resistência (ainda que não sejam) que pleiteiam espaço político, além de suas capacidades de flexibilização. Essas características se mostram importantes na tentativa de criar laços com a nação em questão, podendo manter práticas ou abandoná-las de acordo com cada contexto.

Foi possível vermos que as bandas do *Hate Rock* de ambos os países, na condição de representantes de grupos neofascistas, buscaram no passado as referências para atuarem no presente, embora abandonassem algumas delas. Apesar desse abandono, entre as bandas dos dois países houve o aparecimento de continuidades e também reformulações. Essas reformulações dizem respeito, principalmente, aos novos “inimigos internos” criados historicamente pelos neofascismos.

No caso brasileiro, vimos a complexidade que envolveu a presença de diferentes concepções de neofascismos em um mesmo território, ao passo em que bandas do Sul e Sudeste se manifestavam com ódio aos nordestinos, mesmo que no Nordeste

haja também a presença de neofascistas. Estes, por sua vez, flexionam sua ideologia para adaptarem-na ao seu contexto. Enquanto isso, nos EUA houve uma homogeneidade maior quanto à construção da ideia de nação e de quem deveria fazer parte dela ou não. Não há uma distinção racial entre estadunidenses de regiões diferentes do país que possa ser vista em qualquer um dos discursos que apresentamos.

Apesar dessa diferença, os neofascistas dos dois países se colocam na mesma posição de vítimas ou de grupos ameaçados, que devem lutar contra seus inimigos e estabelecer suas nações ideais mesmo que por meio da violência em favor de suas lutas metapolíticas. Para tanto, agiram como resistência política frente a uma história que consideraram construída pelos seus inimigos, supostos controladores sócio-culturais responsáveis por marginalizar os *skinheads*.

Tal oposição se manifestou por meio dos discursos presentes no *Hate Rock* e se concretizaram em violência urbana. Em ambos os casos os crimes de ódio foram realizados em meio à busca pelo expurgo dos “inimigos”. Ela é incentivada pela música e exposta como meio de promover as mudanças que os Estados controlados por forças opostas seriam incapazes de fazer. O fascismo italiano, por exemplo, “irrompeu na história por meio de um ato de violência contra não apenas o socialismo”, mas também contra outros grupos sociais, “em nome de um pretense bem nacional maior” (PAXTON, 2007, p. 19).

Juntando a violência intrínseca aos fascismos clássicos com o uso da música como forma de energizar movimentos humanos, o *Hate Rock* aparece como lugar de questionamento dos neofascistas quanto a seus contextos sócio-políticos nos dois países. Apesar

das diferenças, ambos viram fenômenos políticos se adequarem aos seus cenários e culturas políticas. Esse processo histórico tem intenções e motivações políticas, presentes em todos os casos averiguados. A forma como estabelecem suas diretrizes e seus inimigos é o que distingue os discursos sobre os quais nos debruçamos. De todo modo, Brasil e EUA, apesar de suas aparentes diferenças, não estão tão distantes.

Considerações finais

Enquanto os movimentos sociais comuns lutam por inclusão, num processo que compreende o social como coletivo, questionando construções históricas que levaram ao seu afastamento do todo, os neofascistas apoiam a exclusão, a violência e o extermínio dos que consideram empecilhos aos seus planos políticos. Não há preocupações com qualquer coletivo ou sociedade que esteja além daquela que os circundam. Se os movimentos sociais buscam participação, sem discursar a favor da destruição violenta de outros grupos, os neofascistas agem ao contrário.

A agressividade, a violência e o ódio, mesclados a um permanente discurso de que há uma guerra a ser vencida, da qual devem sair vitoriosos apenas por meio da derrubada sangrenta de seus inimigos, é um fator aglutinador. A base de todo o discurso neofascista presente nas bandas do *Hate Rock* é o ódio que lhe batiza. Há o discurso neofascista, a idealização social, a classificação dos inimigos e os meios para combatê-los. Por essa razão, os crimes de ódio são frequentes entre os militantes desses movimentos.

Portanto, podemos perceber como esses movimentos são incompatíveis com a sociabilidade. Apoiam pensamentos

antissociais e que contemplam apenas os seus iguais, determinando, por meio do ódio, que os “Outros” devem ser retirados da sociedade como forma de torná-la melhor de acordo com suas visões de mundo. É nesse sentido que seus discursos políticos caminham e tentam reelaborar a história.

No entanto, é mister considerarmos que embora pratiquem ações antissociais, os neofascistas partem de uma relação social mesmo que desejem desfazê-la. Sem essa relação, um movimento neofascista não existiria haja vista que seus discursos buscam uma nova política. Não devemos desconsiderar as terríveis ameaças sugeridas por esses movimentos, como apresentadas nas músicas aqui analisadas. Importa entendermos de onde resultam. É necessário pensarmos que seus pressupostos políticos são formados a partir da visão de sociedade que possuem, não sendo possível desassociá-los da malha social que buscam excluir de forma aterradora.

Referências

- ALMEIDA, P. R. de. As relações Brasil-Estados Unidos durante os governos FHC. In: MUNHOZ, Sidnei J.; TEIXEIRA DA SILVA, F. C. **Relações Brasil-Estados Unidos: Séculos XX e XXI**. Maringá: EDUEM, 2011.
- ALVAREZ, S.; DAGNINO, E., ESCOBAR, A. (Orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latinoamericanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- BERTONHA, João Fábio. **Integralismo: Problemas, perspectivas e questões historiográficas**. Maringá: EDUEM, 2012.
- BERTONHA, João Fábio. *Trabalhadores imigrantes entre fascismo, antifascismo, nacionalismo e lutas de classe: Os operários italianos em São Paulo entre as duas Guerras Mundiais*. In: Carneiro, M.L.T. *et al* (Orgs.). **História do trabalho e história da imigração: Trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (Séculos XIX e XX)**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2010, p. 65-84.

DEDECCA, C.S.; CUNHA, J. M. P. Migração, trabalho e renda nos anos 90: O caso da região metropolitana de São Paulo. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, vol. 21, n. 1, 2004, p. 49-66.

COPSEY, Nigel. **Contemporary British Fascism: The British National Party and the quest for legitimacy** New York: Palgrave Macmillian, 2004.

COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio**. São Paulo: Musa Editora, 2000.

DAGNINO, Evelina. Cultura, cidadania e democracia: As transformações dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: ALVAREZ, S.; DAGNINO, E., ESCOBAR, A. (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latinoamericanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. São Paulo: Relume-Dumará, 1995.

MARIÁTEGUI, Antonio Carlos. **As origens do fascismo**. Trad. e Org. Luís Bernardo Pericás. São Paulo: Alameda Editora, 2012.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POTOK, Mark. **Intelligence Report: Racist Skinheads – Understanding the threat**. Alabama: Southern Poverty Law Center Intelligence Project, 2012.

TEIXEIRA DA SILVA, F. C. Sobre os tribunais no Terceiro Reich. Os fascismos e ditaduras: O que ainda há para estudar? In: SCHURSTER, Karl *et al* (Orgs.) **Velhas e novas direitas: A atualidade de uma polêmica**; Brasil, EDUPE, 2014.

TOURAINÉ, Alain. **Palavras e sangue: Política e sociedade na América Latina**. Campinas: UNESP Editora, 1989.

Fontes

“CASOS envolvendo *skinheads*”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 01/12/2015. En: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u9458.shtml>>. 20 de abril de 1993, p. 03-10.

ANGRY Aryans. **Condemned**. In: **Old School Hate**. EUA: Resistance Records, 2001. 1 CD. Faixa 10.

BANDEIRA de Combate. **Vida Careca**. In: **Questão de Honra**. Salvador: Ultraviolence Records, 2001. 1 CD. Faixa 09.

BRIGADA NS. **O retorno da velha ordem**. São Paulo: D-14, 2001. 1 CD. Faixa 02.

Centro de Tradições Nordestinas, 01/12/2015. Em <<http://www.ctn.org.br/octn#octn>>.

CHAOS 88. **Homossexual**. In: **Welcome to Atlantic City**. EUA: Tri-State Terror, 1998. 1 CD. Faixa 06.

COMANDO Blindado. **Nutrido raiva, causando dor**. In: **Marchando rumo à vitória**. EUA: Zyklon B Records, 2006. 1 CD. Faixa 07.

DEFESA Armada. **Inimigos da pátria**. In: **São Paulo Paulista**. São Paulo: Independente, 1995. 1 CD. Faixa 04.

EXTREME Hatred. **Extreme Hatred**. In: **Now is The Time**. EUA: Phoenix Records, 1994. 1 CD. Faixa 08.

QUARESMA, João. *Skinhead mata menino para “limpar a cidade”*. *Folha de São Paulo*, 20 de abril de 1996, p. 03-10.

VOICE, The. **White Warrior**. In: **Verdukhelm**. EUA: Resistance Records, 1993. 1 CD. Faixa 02.

Recebido em 2016-07-12
Publicado em 2017-02-05